

6 Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura: história e política*. São Paulo: Ática, 1989.

---. *Literatura, História e Política. Literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

---. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, 2002.

ALBUQUERQUE, Carlos. *Angola - a cultura do medo*. Lisboa: Livros do Brasil, 2002.

ALBUQUERQUE, O. de. *Crioulismo e mulatismo (uma tentativa de interpretação fenomenológica)*. Angola - Lobito, Capricórnio, 1975.

ALEXANDRE, V. *Origens do colonialismo português moderno*. Lisboa: Sá da Costa: 1979.

AMORIM, F. Pacheco de. *Três caminhos da política ultramarina*. Coimbra: Ed. do Autor: 1962.

ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

ANGOLA. REPARTIÇÃO TÉCNICA DE ESTATÍSTICA GERAL. Primeiro censo geral da população de Angola. Vol. 1. Luanda: Imprensa nacional, 1941.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BABA-KAKÉ, I. 1982, “La francisation de l’Afrique noire (1914-1945) : ses aspects, ses limites”. In: *Combats pour l’histoire africaine*. Paris: Présence africaine, pp. 274-287.

BENDER, G. *Angola sob o domínio português – mito e realidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa: 1976.

BETTS, R.F. “La domination européenne: méthodes et institutions”. In: *UNESCO, Histoire générale de l’Afrique*. Vol. VII. Paris: UNESCO/Nouvelles éditions africaines, 1987.

Boletim da Agência geral das Colónias – Angola, V, 47, Maio de 1929.

BIRMINGHAM, David. *História de Portugal: uma perspectiva mundial da história*. Lisboa: Terramar, 2007.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

CABRITA, Felícia. *Massacres em África*. Lisboa: A esfera dos livros, 2008.

CABRAL, Amílcar. *Apontamentos sobre a poesia caboverdiana*. Petrópolis: Vozes, 1976.

CAETANO, M. *Tradições, princípios e métodos da colonização portuguesa*. Lisboa: Agência geral do Ultramar, 1951.

---. *Depoimento*. Rio de Janeiro/São Paulo: Distribuidora Record, 1974.

CAMACHO, B. *Política colonial*. Lisboa: Editorial Cosmos, 1936.

CASIMIRO, A. *Angola e o futuro (alguns problemas fundamentais)*. Lisboa: [s/e], 1959.

CASTRO, L. F.de Oliveira e. *Anticolonialismo e descolonização*. Ensaios. Lisboa: Agência geral do Ultramar, 1963.

CLARENCE-SMITH, G. *O terceiro império português (1825-1975)*. Lisboa: Teorema, 1990.

COSTA, Pe. Cândido Ferreira da. *Cem anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*. Nova Lisboa (Huambo): [s/e], 1970.

COUTO, C. *Os capitães-mores em Angola no século XVIII (subsídio para o estudo da sua actuação)*. Luanda: Instituto de investigação científica de Angola, 1972.

CROWDER, M. “Africa under British and Belgian Domination, 1935-45”. In: *UNESCO, General History of Africa*. Vol. VIII. Oxford, Heinemann/Berkeley: University of California Press, 1993, pp. 76-101.

CUNHA, J. M da Silva. *O sistema português de política indígena – subsídios para o seu estudo*. Coimbra: Coimbra Editora, 1953.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

---. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 1, 1999.

COHEN, Margareth. *A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos*. O Cinema e a Invenção da: Cosac Vida Moderna. São Paulo & Naify, 2001.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

DÉGUY, Michel. “O poder das palavras”. In: *O silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

DAVIDSON, B. *Angola no centro do furacão*. Lisboa: Ed. Delfos, 1974.

DIAS, J. R. “Uma questão de identidade: respostas intelectuais às transformações económicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930”. In: *Revista internacional de Estudos africanos* (Lisboa), 1, 1984.

DINIZ, Ferreira. *Populações indígenas de Angola*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro de literatura angolana*. Lisboa: Edições 70, 1979.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

---. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Edufba, 2008.

FALCATO, J. *Angola do meu coração*. Lisboa: Editorial Notícias, 1961.

FELE, B. (alias M. de Andrade) “Qu’est-ce que le luso-tropicalisme?”. In: *Présence africaine*, 4, Out.-Nov, 1955.

FERREIRA, A.V. (coronel) “Alguns aspectos da política indígena de Angola”. In: *Separata do Boletim n° 9 da Sociedade luso-africana do Rio de Janeiro*, 1934.

FERREIRA, E. Sousa. *O fim de uma era – o colonialismo português em África*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

FERRONHA, A. *Consciência da Luso-Tropicalidade. Seus princípios humanistas. Sua visão da África pré-portuguesa. Sua constituição. Seu futuro e responsabilidade*. [Angola]: Edição do Autor, 1969.

FREIRE, G. *Aventura e Rotina*. Lisboa: Livros do Brasil, 1952.

---. *Casa grande e senzala - Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.

---. *Integração portuguesa nos trópicos*. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1958.

---. *O Luso e o Trópico – Sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da européia num complexo novo de civilização : o luso-tropical*. Lisboa: Comissão executiva das comemorações do Quinto centenário da morte do infante Dom Henrique, 1961.

---. *Novo mundo nos trópicos*. Lisboa: Livros do Brasil, 1972.

FERREIRA, Manuel. Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Cadernos do terceiro mundo*. Ano III, nº 22 (Abril 80)

GALVÃO, H. *Angola (Para uma nova política)*. Vol. I. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1937.

GAYATRI, C. S. “How to teach a “Cultural Different” Book”. In: LANDRY, Donna; MAC LEAN, G. (orgs.), *The Spivak Reader. Selected Works by Gayatri Chakravorty Spivak*,

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

---. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMBURGER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

HAMILTON, R.G. *Literatura Africana - Literatura necessária, I – Angola*. Luanda: Instituto nacional do livro e do disco/Lisboa: Ed.70, 1981.

HENRIQUES, I. Castro de. “Da virtuosa brandura do Branco à preguiça

pecaminosa do Negro. Uma contribuição para a releitura da situação colonial na África sob dominação portuguesa”. In: *Studia africana*. Barcelona, 1990.

HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. “Palavra africana”. In: *O correio da UNESCO*. Ano 21, número 11, Rio de Janeiro, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KUNDER, Manfred. *Die Portugiesen in Angola*. Dissertation. Heidelberg, 1985.

LABAN, Michel. *Angola: encontro com escritores*. Vol II – Encontro com Manuel Rui. Falta local e editora, 1991.

LEAL, Cunha. *Coisas do tempo presente – a Pátria em perigo*. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

LEMOS, A. De. “Altas questões da administração colonial portuguesa”. In: *Separata de Brotéria* (Lisboa), XLIV, 1947.

LIMA, M. “Alguns aspectos sociológicos da colonização”. In: *Separata do Mensário administrativo*, 1964.

MAMDANI, M. *Citizen and Subject – Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*. Londres: James Currey, 1996.

MARCUM, J. *The Angolan Revolution*. Massachusetts: The MIT Press, 1969.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MARTIN, P.M. *Leisure and Society in Colonial Brazzaville*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MARTINS, R. “O princípio e as práticas da unidade política – uma notável comunicação do sr. engº Raul Martins ao Congresso da U.N.”. In: *A Província de Angola*, XXXIII, 9 297, 3 de Julho, 1956.

---. *A Província de Angola*. XXXIII, 9 298, 4 de Julho, pp. 1 e 6.

MATOS, Norton de. 1926, *A Província de Angola*. Porto: Edições Maranus, 1956.

---. *Memórias e trabalhos da minha vida*. Lisboa: Editora Marítimo Colonial, 1944.

MELLO, M. J. *Portugal, o Ultramar e o futuro – oportunidade de um debate*. Lisboa: Edição do Autor, 1962.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MESSIANT, C. *l'Angola colonial, histoire et société*. Les prémisses du mouvement nationaliste. Paris: Ecole des hautes études en sciences sociales, thèse de doctorat de sociologie, 1961.

---. “Luanda (1945-1961): colonisés, société coloniale et engagement nationaliste”. In: CAHEN, M. “Vilas” et “cidades” – Bourgs et villes en Afrique lusophone. Paris: L’Harmattan, 1969.

MILDNER-Spindler. *Grunszüge der ethnischen Entwicklung im Territorium Angolas*. Dissertation. Leipzig, 1987

MOREIRA, A. *Ensaio*. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1963.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

NETO, Maria da Conceição. *Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX*. Lusotopie, 1997.

NETO, J. Pereira. *Angola – meio século de integração*. Lisboa: Instituto superior de ciencias sociais e política ultramarina, 1964.

OLIVEIRA, M. Antonio de. *Luanda, “ilha” crioula*. Lisboa: Agência geral do Ultramar, 1968.

---. *Reler África*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de antropologia, 1990.

PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio S. (orgs). *Angola e Brasil: nas rotas do atlântico sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PÉLISSIER, R. *La colonie du Minotaure. Nationalismes et révoltes en Angola (1926-1961)*. Orgeval: Ed. Péliissier, 1978.

PINTO, J. Ferreira. *Angola, notas e comentários de um colono*. Lisboa: J. Rodrigues, 1926.

PORTUGAL. PROVÍNCIA de ANGOLA 1967, 1968, 3º *recenseamento geral da população – 1960*. Luanda: Direcção dos serviços de Economia e Estatística geral, vols. I e III.

REGO, Silva. “Adaptação missionária e assimilação colonizadora”. In: *Boletim geral do Ultramar*, 34, 402, 1958.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RIBAS, Oscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, 1952.

RIBEIRO, O. *A colonização de Angola e o seu fracasso*. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1981.

ROBERTS, A. *The Colonial Moment in Africa - Essays on the Movement of Minds and materials, 1900-1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ROCHA, Jofre. “Geração de 50: um percurso literário e a sua importância na luta de libertação nacional”. In: *Scripta*, Belo Horizonte, V. 1, nº 1, 1ºsem de 1997.

RYCKMANS, G. André Ryckmans. *Un territorial du Congo belge. Lettres et documents 1954-1960*. Paris: L’Harmattan, 1995.

RUI, Manuel. “Eu e o outro – O invasor ou em poucas três linha uma maneira de pensar o texto”. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1987.

---. “Entre mim e o nómada – a flor”. In: *Teses angolanas*. Documento da VI Conferencia dos Escritores afro asiáticos (vol 1). Luanda: UEA /Lisboa: Edições 70, 1981.

---. *Regresso adiado* (contos). Lisboa: Ed. 70, 1977.

---. *Crônicas de um mujimbo*. Porto:Asa para UEA, 1989.

---. *Quem me dera ser onda*. Porto: Asa para UEA, 1889.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALAZAR, O. *Portugal e a campanha anticolonialista*. Discurso proferido por sua Excelência o Presidente do Conselho, Professor Doutor Oliveira Salazar, na sessão da Assembleia nacional de 30 de Novembro de 1960. Lisboa: Secretariado nacional da Informação, 1960.

---. Discursos 1928-1934. Coimbra: Coimbra Editora, 1961.

SANTOS, A.C. Valdez Thomaz dos. *Angola, coração do Império*. Lisboa: Agência geral das Colônias, 1945.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias Africanas. História e Antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SARAIVA, J. Flávio Sombra. *O lugar da África. A dimensão atlântica da política externa brasileira* (de 1946 a nossos dias). Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: Moçambique*. Rio de Janeiro: UFRJ/UERJ, 1999.

---. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais, 2003.

SCHIPPER, Mineke. *Beyond the boundaries: text and context in african literature*. Chicago: Ivan R. Dee, 1990.

SILVA A. Burity da. “Os princípios portugueses da integração racial”. In: *Boletim geral do Ultramar*, 43, 499-500, Jan.-Fev, 1967.

SILVA, R. Ferreira da. “No II Congresso da União Nacional - Racismo e colonização étnica de Angola”. In: *História* (Lisboa), XIV, 9, Junho, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. “Debates sobre o racismo”. In: *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1989 .

TORRES, Adelino. *O império Português – entre o real e o imaginário*. Lisboa: Publicações Escher, 1991.

TRIGO, Salvato. *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. Porto: Brasília Editora, 1977.

VENÂNCIO, J.C. *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII – um estudo de sociologia histórica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

---. *Colonialismo, antropologia e lusofonias – Repensando a presença portuguesa nos trópicos*. Lisboa: Vega, 1996.

VIANNA, Magdala França. “Manuel Rui: Uma flor para Angola”. In: SALGADO, Maria Tereza; SEPULVEDA, Maria do Carmo. *África e Brasil: Letras em laços*. Rio de Janeiro: Yendis Editora S/A, 2007.

ZAHAR, Renate. *Colonialismo e alienação*. Lisboa: Ulmeiro, 1976.

Meio Eletrônico:

ALÓ, Clarisse Moreira. Angola: lugar de castigo ou jóia do império. O degredo na historiografia e fontes (séc XIX). Tese de mestrado apresentada na Universidade da Brasília em outubro de 2006. Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/32143922.html (Acesso em 21 de dezembro de 2008)

CAETANO, Íris Maria da Costa Amâncio. *Entrançamentos discursivos na literatura angolana dos anos 90: a enunciação elinga em obras de Mena Abrantes e Agualusa*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. Disponível online no site http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Banco_Teses.htm. (Acesso em 20 dez. 2008)

COSME, Leonel. *Pedras e símbolos*. Disponível em “A página da educação” <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1266> .> (Acesso em 12 set. 2008)

GUIA DE ANGOLA. *História: das origens à independência*. Disponível em <http://www.netangola.com/guia/guide1_2.html> (Acesso em 13 out. 2008).

SERRANO, Carlos M. H. Angola: nasce uma nação, sua origem e identidade. Compilação da palestra proferida no seminário “Angola 24 anos depois, o sonho de uma nação continua...” São Paulo: Associação dos Estudantes Angolanos no Estado de São Paulo, S/d. Disponível em <<http://mnoticias.8m.com/destaque1.htm>> (Acesso em 14 ago. 2008).

Revista da USP, nº 28, 1995/1996 (Dossiê Povo negro – 300 anos). Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/n28/numero28.html>> (Acesso em 14 ago. 2008).

TEIXEIRA, António Pinto. A colonização de Angola. In: Boletim da agência geral das colónias Ano 5, nº 47, Mai. 1929. Disponível online no site <http://memoriaafrica.ua.pt/search.aspx?q=DE%20colonialismo&s=5&r=Isbd&p=25> (Acesso em 25 de novembro de 2008).

Entrevista concedida a Povo de Varzim disponível online no site <http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/edicoes-anteriores/correntes-d-escritas-2008/entrevistas-aos-escritores/entrevista-a-manuel-ruiz>. (Acesso em 15 de setembro de 2008)

7 ANEXO

Entrevista concedida a Márcia Maria Ferreira do Nascimento Feitosa, autora desta dissertação, pelo escritor Manuel Rui em 23 de novembro de 2007, época em que o escritor se encontrava no Rio de Janeiro participando do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas: Pensando África – Crítica, Ensino e Pesquisa (UFRJ/BN/UFF).

De acordo com sua biografia, você estudou em Portugal na década de 60 e nesta época estavam acontecendo os movimentos estudantis contra o salazarismo, contra o fascismo, luta pela independência das colônias portuguesas em África, etc. De alguma maneira esse período influenciou a sua formação de escritor ligado às causas sociais?

Não direi que influenciou, direi que eu participei. Procurei participar diretamente e participar do movimento deu velocidade às coisas. Tínhamos que contestar, pois Salazar, como sabes, proibia tudo. Nunca me esqueço que o jornal *O Grito* foi escrito na casa dos estudantes e ele foi muito importante para nós que vivemos na resistência e escrevíamos. Não havia essas máquinas modernas e para não fazer barulho o jornal foi batido na casa de banho em cima das pernas de quem batia para abafar o barulho. No dia dos estudantes mesmo, eu estava na cadeia. Estive preso por dois meses.

Portanto, eu participei ativamente do movimento principalmente através da literatura. Mais tarde vim a ser redator da revista *Vértice*, e também fui coordenador do suplemento *Sintoma*. Todos com a função de lutar por nossos direitos, mostrando nossas idéias e dando consciência a quem os lia.

Além de *Poesia Sem Notícias*, que foi seu primeiro livro de poesia, há vários poemas que fazem referência ao mês de novembro. Era um projeto? Qual era o objetivo?

Sim era um projeto. 11 poemas em novembro por conta da data da nossa independência, para dar visualidade a data, percebes? Exaltar essa conquista.

Na sua obra há a presença de crianças. Os irmãos de *Quem me deram ser onda*; em outro conto, a menina que vendia cadernos; em *1 morto e os vivos*, há o rei dos papagaios, entre outros. É comum estas crianças ficarem desoladas no fim da estória. Há algum simbolismo neste fato?

Tem. Tem. Em qualquer guerra ou em qualquer pós-guerra as crianças sofrem. Depois elas também correm a sua própria sorte para resolver os problemas. É pai

morto ou mutilado, mãe doente... Elas representam a desilusão com o sistema, com o socialismo. Elas são marcadas com a injustiça social.

Outro elemento presente na sua obra é o mar. O que é o mar para Manuel Rui?

O mar é uma mulher misteriosa, cheia de caprichos, é quase uma chuva.

E a natureza?

Ela tem que estar presente. Está presente porque ela é também uma mulher misteriosa, revelada através das muitas plantas, muitas frutas. A natureza está sempre próxima: vai ali e busca uma fruta! Portanto, falar disso é sempre bom, é ter uma relação misteriosa. Sempre tive uma relação misteriosa, principalmente com a água, com os rios. Mas quando vi o mar pela primeira vez, foi uma sensação indescritível. O mar para mim foi um marco. O mar é fluido, romântico, misterioso. O mar é uma coisa infinita, é natureza, é sentido.

Muitos críticos levantam a questão da língua, da utilização da língua portuguesa. O que Manuel Rui acha do uso da língua portuguesa como primeira língua dos países que foram ex-colônias de Portugal?

A língua é o legado deixado por eles, é um modo de unificação, mas isso não quer dizer que eu não possa brincar com ela, modificá-la, moldá-la a minha realidade. Portanto, não tenho problemas com a língua, as pessoas é que inventam problemas. A língua portuguesa teve papel importante, pois, é a única língua que se fala em todas as ex-colônias portuguesas.

Nós não somos servos da língua. Somos tão possuidores quanto os portugueses, aquele exercício de Próspero e Caliban.

Apesar de utilizares a língua portuguesa na sua escrita, percebemos diferenças nos vocábulos, na ordem das frases... Seria isso o que você chama de subverter a língua?

Língua não é propriedade, é usufruto.

Bué é mas bonito que muito, mais sonoro, percebes? O idioma é uma coisa socializante. A fala é socialização. Quando passo a fala para a escrita eu uso a palavra e a palavra só poderá socializar se o meu texto servir de comunicação aos meus propósitos.

A palavra camarada...

Camarada tem um sentido bonito, você pode ver como companheiro.

Em *Mulato de sangue azul*, um dos contos do livro *Regresso Adiado* de 1973, você levanta o problema da assimilação e da identidade. Qual era a função desse conto naquela época conturbada?

Denunciar o racismo e também mostrar o que estava por trás da política colonizante. O mulato tinha a questão do sangue, da ascendência. O conto acaba de uma forma dramática. Ele (o conto) mostra que não adianta ser igual. A identidade está na diferença e não na igualdade.

***O aquário* pode ser visto como a representação do fascínio do colonizador pelo colonizado?**

É a curiosidade do ser humano pela figura do outro. A personagem (Leonor) faz a experiência. Esta experiência parte do lado mais forte, por essa razão ela manda. Sanada a curiosidade tudo é esquecido, descartado. Porém a quebra do aquário não a deixa esquecer que a separação, a diferença não deve ter lugar. É um conto sobre as relações humanas, o mais forte e o mais fraco e o resultado disto.

Normalmente é o homem que detém o poder, no conto *O aquário*, esse poder é exercido por uma mulher, pela personagem de Leonor. Há alguma razão para isso?

Ela é a representante de Portugal, logo ela tem o poder. A mulher tem o poder do marido, ela está um degrau acima do funcionário, por isso tem poder de decisão.

Em *Quem me dera ser onda* o nome do porco é enigmático: Carnaval da Vitória, ele é simbólico?

È enigmático como o carnaval daqui (Rio de Janeiro), esquece-se tudo para brincar.

A morte do porco Carnaval da Vitória é simbólica?

É uma morte simbólica. O porco está politizado, no livro ele é tratado como pessoa. Uma pessoa pode simbolizar uma série de coisas, pode ser a liberdade, o prazer, a derrota das crianças, da inocência, da utopia. As crianças acabam desiludidas como todos nós.

O que mudou para Manuel Rui do início da carreira literária até hoje?

Mudanças de acordo com as mudanças que aconteceram no mundo. A minha geração assistiu a queda dos muros, assistiu a queda dos governos, a queda de Salazar, lutou pela independência, viu a guerra de perto, utilizou a literatura como arma. Fizemos poemas, fizemos os Hinos, confeccionamos as bandeiras, exaltamos as palavras.

Hoje os problemas são outros: a desumanização, a corrupção, a violência urbana. A luta hoje é diferente, ela é pela sobrevivência e não por um ideal e, com isso, o uso da palavra também é diferente.

Você acha que a literatura ainda tem o papel de transformar o mundo?

Acho que não. Com a globalização, com o computador, com a mídia é difícil. Na minha época a pessoa lia, hoje bate papo na internet. Não creio que a literatura hoje tenha a função de mudança, de transformação. Nas escolas praticamente não se lê mais os textos literários. Matemática é que é importante!

Hoje os padrões são outros. Vende-se mais uma revista *Playboy* do que um livro. Tudo hoje é mais descartável. A literatura tem que atender a demanda atual, o visual, o vazio...